

**Epidemiologia do tabagismo no curso de Medicina em Lages – Santa  
Catarina**

**Epidemiology of smoking in the Medical course in Lages - Santa  
Catarina**

**Epidemiología del tabaquismo en el curso de Medicina en Lages - Santa  
Catarina**

Recebido: 30/03/2020 | Revisado: 30/03/2020 | Aceito: 02/04/2020 | Publicado: 03/04/2020

**Guilherme Felipe Staudt**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3660-0273>

Universidade do Planalto Catarinense, Brasil

E-mail: [gui\\_staudt@hotmail.com](mailto:gui_staudt@hotmail.com)

**Louísse Tainá Tormem**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8098-4761>

Universidade do Planalto Catarinense, Brasil

E-mail: [louissettormem@hotmail.com](mailto:louissettormem@hotmail.com)

**Patrícia Alves de Souza**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4543-1632>

Universidade do Planalto Catarinense, Brasil

E-mail: [passpb@gmail.com](mailto:passpb@gmail.com)

**Marli Adelina de Souza**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4275-5095>

Universidade do Planalto Catarinense, Brasil

E-mail: [mas2souza@gmail.com](mailto:mas2souza@gmail.com)

**Resumo**

Objetivo: Identificar a prática tabagista entre acadêmicos de Medicina da Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC) em Lages/SC. Método: estudo dos dados obtidos através de questionário aplicado a 94 acadêmicos no período entre agosto de 2013 a dezembro de 2013. Resultados: a idade média dos participantes foi de 23,06 anos, com mínima de 19 anos e máxima de 39 anos. 19,1% eram fumantes, destes 8,5% fumantes diários e 10,6% ocasionais. A idade média de iniciação da prática tabágica foi de 17,88 anos. 22,3% começaram a fumar aos 18 anos de idade. O maior incentivo ao início do uso de cigarros foi a influência dos

amigos em 61,1%. 72,2% dos acadêmicos fumantes fumavam até 10 cigarros por dia, e 61,1% afirmaram interesse em parar de fumar. 38,9% descreveram o prazer e 33,3% a redução da ansiedade como sensação a exposição tabágica. Conclusão: a elevada prevalência de tabagistas entre os acadêmicos de medicina mostra a necessidade de reforçar programas prevenção e cessação da prática tabágica direcionados a essa população.

**Palavras-chave:** Dependência; Epidemiologia; Estudante de medicina; Tabagismo.

### **Abstract**

**Objective:** the objective was to trace the epidemiological profile of medical students at the Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC) in Lages / SC. **Method:** study of data obtained through a questionnaire applied to 94 students from August 2013 to December 2013. **Results:** the average age of the participants was 23.06 years, with a minimum of 19 years and a maximum of 39 years. 19.1% were smokers, of these 8.5% were daily smokers and 10.6% were occasional smokers. The average age of smoking initiation was 17.88 years. 22.3% started smoking at 18 years of age. The highest incentive to start using cigarettes was the influence of friends in 61.1%. 72.2% of academic smokers smoked up to 10 cigarettes a day, and 61.1% said they were interested in quitting. 38.9% described pleasure and 33.3% described reducing anxiety as a sensation of smoking exposure. **Conclusion:** the high prevalence of smokers among medical students shows the need to reinforce prevention and smoking cessation programs aimed at this population.

**Keywords:** Dependency; Epidemiology; Medicine student; Smoking.

### **Resumen**

**Objetivo:** El objetivo era rastrear el perfil epidemiológico de estudiantes de medicina en la Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC) en Lages / SC. **Método:** estudio de los datos obtenidos a través de un cuestionario aplicado a 94 estudiantes en el período comprendido entre agosto de 2013 y diciembre de 2013. **Resultados:** la edad promedio de los participantes fue de 23.06 años, con un mínimo de 19 años y un máximo de 39 años. 19.1% eran fumadores, de estos 8.5% eran fumadores diarios y 10.6% eran fumadores ocasionales. La edad promedio de inicio del tabaquismo fue de 17.88 años. El 22,3% comenzó a fumar a los 18 años. El mayor incentivo para comenzar a usar cigarrillos fue la influencia de amigos en el 61.1%. El 72.2% de los fumadores académicos fumaban hasta 10 cigarrillos al día, y el 61.1% dijo que estaban interesados en dejar de fumar. El 38.9% describió el placer y el 33.3% redujo la ansiedad como una sensación de exposición al tabaco. **Conclusión:** la alta

prevalencia de fumadores entre los estudiantes de medicina muestra la necesidad de reforzar la prevención y los programas para dejar de fumar dirigidos a esta población.

**Palabras clave:** Dependencia; Epidemiología; Estudiante de medicina; Fumar.

## 1. Introdução

No Brasil, estima-se que cerca de 200.000 mortes/ano são decorrentes do tabagismo (OPAS, 2002), em 2015, também foi responsável por 156.216 mortes (428 mortes ao dia) segundo estudo realizado pelo Instituto Nacional do Câncer José de Alencar Gomes da Silva (INCA). O INCA afirma, ainda, que os homens têm cerca de 6,12 anos e as mulheres 6,71 anos de expectativa de vida a menos que os não fumantes, resultando em 3.719.814 anos de vida perdidos a cada ano atribuíveis ao tabagismo no Brasil (Pinto et al., 2017).

Além disso, dados alarmantes mostram que a cada ano morrem cerca de 4,9 milhões de pessoas em todo o mundo com doenças relacionadas ao tabagismo, o que corresponde a 10 mil mortes a cada dia. Estima-se que entre 2020-2030, caso não forem estruturadas ações efetivas de prevenção e caso as atuais tendências de expansão do seu consumo sejam mantidas, o tabagismo será responsável por 10 milhões de mortes por ano no mundo, desses, 7 milhões morrerão em países pobres e em desenvolvimento como o Brasil, sendo metade deles em idade produtiva (entre 35 e 69 anos) (Andrade, 2006; Brasil, 2007; Pereira, 2011).

O hábito tabágico já foi demonstração de poder, fama, charme e requinte, pela indústria do cinema e pela sociedade recebeu destaque e atingiu seu auge de consumo na metade do século XX (Pereira, 2012). Hoje representa um grande problema de saúde pública em todo o mundo (Silva, 2014).

Além disso, dados alarmantes mostram que a cada ano morrem cerca de 4,9 milhões de pessoas em todo o mundo com doenças relacionadas ao tabagismo, o que corresponde a 10 mil mortes a cada dia. Estima-se que entre 2020-2030, caso não forem estruturadas ações efetivas de prevenção e caso as atuais tendências de expansão do seu consumo sejam mantidas, o tabagismo será responsável por 10 milhões de mortes por ano no mundo, desses, 7 milhões morrerão em países pobres e em desenvolvimento como o Brasil, sendo metade deles em idade produtiva (entre 35 e 69 anos)(Andrade, 2006; Brasil, 2007; Pereira, 2011).

De acordo com o Inquérito Domiciliar sobre Comportamentos de Risco e Morbidade Referida de Doenças e Agravos Não Transmissíveis, realizado em 2002 e 2003, entre pessoas de 15 anos ou mais, residentes em 15 capitais brasileiras e no Distrito Federal, a prevalência de tabagismo variou de 12,9% a 25,2% nas cidades estudadas. Os homens apresentaram

prevalências mais elevadas do que as mulheres em todas as capitais. Em Porto Alegre, encontram-se as maiores proporções de fumantes, tanto no sexo masculino quanto no feminino, e em Aracaju, as menores. Em relação à prevalência de experimentação e uso de cigarro entre jovens, de acordo com estudo realizado entre escolares de 12 capitais brasileiras, nos anos de 2002-2003, a prevalência da experimentação nessas cidades variou de 36% a 58% no sexo masculino e de 31% a 55% no sexo feminino, enquanto a prevalência de escolares fumantes atuais variou de 11 a 27% no sexo masculino e 9 a 24% no feminino (Brasil, 2007; Pereira, 2012; Viegas, 2007).

Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) apontaram o Brasil como o terceiro país do mundo que mais produz fumo, sendo o maior exportador mundial de tabaco e um dos líderes mundiais de arrecadação do governo com as taxas coletadas através da venda de cigarros (Torres, 2005). A produção do fumo apresenta ainda, alto risco de intoxicação provocada pelo uso de agrotóxicos e, também, acarreta aos trabalhadores lesões musculoesqueléticas, doenças respiratórias, doença da folha verde do tabaco (DFVT) e acidentes típicos (Riquinho; Hennington, 2016).

No Brasil, os gastos atribuídos à assistência médica ao tabagismo totalizaram diretamente R\$ 39.394.369.233, o que equivale a cerca de 8,04% de todo gasto nacional em saúde; e indiretamente R\$ 17.503.786.333 devido à produtividade perdida por morte prematura e incapacidade. Também é importante destacar que arrecadação fiscal pela venda de derivados do tabaco não supre gastos com a doença apesar de o país ser um grande produtor. Em 2015, essa arrecadação fiscal cobriu apenas 33% dos custos diretos provocados pelo tabagismo ao sistema de saúde (Pinto et al., 2017).

A prevalência do uso do tabaco entre os profissionais da área da saúde é preocupante, sendo a segunda substância mais usada pelos acadêmicos de Medicina, ficando atrás apenas do álcool (Machado, 2015). Os estudantes da área da saúde que são fumantes, como futuros profissionais que serão também, deveriam preocupar-se com o tema e abandonar definitivamente a dependência à nicotina. Além disso, a prevalência de fumantes entre os médicos também é alta, sendo lesivo à sua saúde (Botelho, 2011; Meneses, 2004; Costa, 2006).

Apesar de parecer paradoxal, o grande conhecimento científico adquirido pelo estudante durante os cursos de graduação nas áreas de saúde, parecem não ter muito efeito quanto aos hábitos tabágicos desses estudantes. Em decorrência disso, é possível observar que o tabagismo continua sendo uma prática habitual entre os estudantes de Medicina e em outros cursos de graduação em ciências da saúde (Stramari, 2009), uma vez que características do

curso de medicina, como a rotina estressante da vida acadêmica, atuam como fatores de risco para o início e continuidade do tabagismo (Machado, 2015).

Já no Brasil, uma pesquisa entre estudantes de medicina, 6,4% dos estudantes eram fumantes regulares, e 34,3% eram ex-fumantes. Outro estudo realizado no Distrito Federal identificou que 7,2% da amostra eram fumantes (5,9% de fumantes regulares e 1,3% de fumantes ocasionais), 70,1% eram não fumantes, e 22,7% eram ex-fumantes (Stramari, 2009; Botelho, 2011). Já em estudo realizado no Acre, 8,1% eram fumantes, 91,9% eram não fumantes, e 8,1% eram ex-fumantes (Oliveira, 2015).

Além disso, também é importante enfatizar com veemência que os profissionais de saúde e estudantes da área de saúde têm papel muito importante junto à população por sua atuação em ações educativas, a fim de incentivar o decréscimo do número de pessoas fumantes e desestimular àqueles que possuem pretensões em iniciar a prática tabágica.

Diante do exposto, o objetivo foi identificar a prática tabagista entre acadêmicos de Medicina da Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC) em Lages/SC no período de agosto a dezembro de 2013.

## **2. Metodologia**

É uma pesquisa de campo, exploratória, quantitativa de corte transversal, realizado na Universidade do Planalto Catarinense em Lages/SC, através da bolsa de Iniciação à Pesquisa – artigo 170, realizado no período de Agosto de 2013 até Dezembro de 2013. O delineamento ocorreu em uma população de 94 estudantes do Curso de Medicina da Universidade do Planalto Catarinense matriculados entre o 1º e o 4º ano da graduação.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC, de acordo com as normas vigentes na Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde, sob parecer número 034/13 de 24/06/2013.

A coleta de dados ocorreu por meio do preenchimento de questionário a estruturados distribuídos pelos pesquisadores nas salas de aula, após breve explanação sobre a pesquisa e condicionado à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelo participante. O instrumento da pesquisa analisou indicadores como: o sexo; a idade; o estado civil; a história de tabagismo entre os pais e quanto à prática de exercícios físicos regulares pelos participantes.

Em relação ao hábito tabágico, os participantes foram classificados de acordo com a recomendação proposta pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em quatro categorias:

fumante (aquele que fuma, pelo menos, 1 cigarro por dia por no mínimo 1 mês), fumante ocasional (aquele que fuma menos que 1 cigarro por dia, por no mínimo 1 mês), ex-fumante (após ter sido fumante, deixou de fumar há pelo menos 1 mês) e não-fumante (aquele que nunca fumou ou fuma há menos de 1 mês).

Os participantes que se consideraram fumantes ou fumantes ocasionais, responderam a segunda parte do questionário, que continha perguntas com o objetivo de coletar dados quanto à idade que o participante começou a fumar, ao tempo de exposição ao tabaco, à quantidade de cigarros fumados diariamente, ao tempo após acordar para acender o primeiro cigarro do dia, e quanto ao grau de motivação para deixar de fumar. Além disso, o questionário abordou o motivo que os participantes iniciaram o uso de tabaco e a sensação após a exposição.

Foram excluídos do estudo, os participantes que não assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) por qualquer motivo ou não preencheram o questionário.

Os dados foram armazenados em formulário próprio e transferidos posteriormente para planilhas específicas. Para a consolidação dos dados epidemiológicos, utilizou-se a computação eletrônica, com o programa Statistical Package of Social Service (SPSS).

### 3. Resultados

Participaram deste estudo sobre a prevalência do tabagismo 94 estudantes, sendo metade do sexo masculino e a outra metade, do sexo feminino. Em relação ao estado civil, obteve-se que 91,5% dos participantes declararam-se solteiros e o restante dos participantes casados. Na Tabela 1, observam-se as medidas de tendência central obtidas nesta amostra, destaca-se que a média de idade entre os participantes foi de 23,06 anos (DP = 4,24), sendo a idade mínima de 19 anos e a idade máxima de 39 anos.

**Tabela 1.** Demonstrativo da idade dos participantes.

Medidas de Tendência Central	Valores
Média	23,06
Mediana	23,00
Moda	23,00
Desvio padrão	4,24
Mínima	19,00
Máxima	39,00

N = 94

Fonte: Elaborado pelos próprios autores deste estudo.

Vale ressaltar que a idade média encontrada entre os participantes foi de 23,06 anos.

Quanto ao histórico de uso de cigarro entre os pais dos participantes do estudo, aqueles que fumam representam (21,3%), sendo (78,7%) não fumantes. Além do mais, entre os pais não fumantes, segundo os sujeitos da pesquisa, (23,4%) são ex-fumantes.

Observou-se na amostra que 19,1% eram fumantes, destes sendo 8,5% fumantes diários e 10,6% fumantes ocasionais. Além disso, (5,3%) dos participantes são ex-fumantes e 75,5% não-fumantes (Tabela 2).

**Tabela 2.** Categorização dos participantes.

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem acumulada
Fumante	8	8,5	8,5
Fumante ocasional	10	10,6	19,1
Ex-fumante	5	5,3	24,5
Não-fumante	71	75,5	100
Total	94	100,0	

N = 94

Fonte: Elaborado pelos próprios autores deste estudo.

Nota-se que apesar de a maioria dos estudantes não serem fumantes (75,5%), importante porcentagem ainda apresenta significativo hábito tabágico (19,1).

Verificou-se que a maioria dos acadêmicos fumantes iniciou o uso de tabaco na adolescência. Observa-se que a idade média de iniciação foi de 17,88 anos (DP 3,42), sendo que 22,3% começaram a fumar aos 18 anos de idade (Tabela 3). Os motivos que levaram os participantes do estudo a fumar foram: a influência dos amigos (61,1%), estresse (11,1%) e tentativa de relaxamento (11,1%).

**Tabela 3.** Idades dos participantes fumantes ao iniciar a prática tabágica.

Idade (anos)	Frequência	Porcentagem	Porcentagem acumulada
13	1	5,55	5,55
14	2	11,1	16,65
15	1	5,55	22,2
16	3	16,65	38,85
17	1	5,55	44,4
18	4	22,3	66,7
19	2	11,1	77,8
20	1	5,55	83,35
21	1	5,55	88,9
23	1	5,55	94,45
27	1	5,55	100,0
Total	18	100,0	

N = 18

Fonte: Elaborado pelos próprios autores deste estudo.

Quanto a idade de início da prática tabágica, observa-se que a maioria dos estudantes iniciou até os 18 anos de idade (66,7%).

No que se refere à carga tabágica, 72,2% dos acadêmicos fumantes fumam até 10 cigarros por dia (Tabela 4). Os dados obtidos ainda apontaram que 27,8% dos fumantes acham difícil não fumar em lugares públicos como igrejas, cinemas, ônibus, biblioteca, etc. Além disso, 22,2% dos fumantes afirmaram ter dificuldade para deixar de fumar o primeiro cigarro da manhã. No que tange ao tempo decorrido entre acordar e fumar, 38,9% dos fumantes, fumaram o primeiro cigarro após 31-60 minutos depois de acordar, outros 38,9% fumam o primeiro cigarro após 1 hora.

**Tabela 4.** Quantidade de cigarros fumados diariamente.

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem acumulada
10 ou menos	13	72,2	72,2
11 a 20	4	22,2	94,2
21 a 30	1	5,6	100,00
Total	18	100,00	

N = 18

Fonte: Elaborado pelos próprios autores deste estudo.

Observa-se, assim, que grande parte dos estudantes (72,2) não fuma mais que 10 cigarros por dia.

Entre os fumantes, 38,9% já tentaram seriamente parar de fumar. Quando indagados sobre o desejo de parar de fumar caso fosse um processo fácil, 88,9% manifestaram o desejo em parar. Quanto ao interesse em deixar de fumar, 61,1% afirmaram possuir algum interesse (Tabela 5).

**Tabela 5.** Interesse em deixar de fumar.

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem acumulada
Algum	11	61,1	61,1
Muito	5	27,8	88,9
Absoluto	2	11,1	100,0
Total	18	100,00	

N = 18

Fonte: Elaborado pelos próprios autores deste estudo.

Ressalta-se que todos os estudantes tabagistas estudados (N=18) apresentam do menor ao maior interesse em parar de fumar.

Quanto ao interesse em deixar o cigarro nos próximos seis meses, foi possível verificar que 55,6% dos fumantes consideram possível abandonar o tabaco. Além disso, 22,2% dos fumantes entrevistados afirmaram que definitivamente deixariam de fumar (Tabela 6).

**Tabela 6.** Interesse em deixar de fumar nos próximos seis meses.

	Frequência	Porcentagem válida	Porcentagem acumulada
Definitivamente não	2	11,1	11,1
Talvez não	2	11,1	22,2
Talvez sim	10	55,6	77,8
Definitivamente sim	4	22,2	100,0
Total	18	100,0	

N = 18

Fonte: Elaborado pelos próprios autores deste estudo.

Nota-se que 77,8% mostraram maior chance de parar de fumar.

Por fim, quanto à sensação descrita pelos fumantes durante a exposição ao cigarro, os participantes descreveram o prazer (38,9%) e a redução da ansiedade (33,3%) na maioria dos casos (Tabela7).

**Tabela 7.** Sensação ao fumar.

	Frequência	Porcentagem válida	Porcentagem acumulada
Relaxamento muscular	2	11,1	11,1
Euforia	3	16,7	27,8
Prazer	7	38,9	66,7
Redução da ansiedade	6	33,3	100,0
Total	18	100,0	

N = 18

Fonte: Elaborado pelos próprios autores deste estudo.

Importante ressaltar que o motivo mais frequentemente apontado para o uso do cigarro é o prazer.

#### 4. Discussão

Os resultados apontam uma prevalência de tabagismo entre os acadêmicos de Medicina da Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC) de 19,1%. Comparado a estudos semelhantes realizados em outras Universidades do Brasil, com valores como 16,5% na Universidade de Passo Fundo (UPF) em estudo realizado em 2009 (Stramari, 2009), 18,6% na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) em Canoas/RS em estudo realizado em 2005 (Zettler, 2005), 10,1% na Universidade Federal de Pelotas em 2002 (Menezes, 2004), 14% na Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense em 2006 (Junior, 2006), 8,1% na Universidade Federal do Acre 2015 (Oliveira, 2015), a UNIPLAC apresenta maior prevalência de fumantes.

A prevalência de tabagistas entre as gerações tem diminuído (Zettler, 2005). Em 2013, a Pesquisa Nacional de Saúde mostra que essa prevalência cai para 14,7%. Segundo a (VIGITEL), realizada em 2016, a frequência de adultos fumantes cai para 10,2% (Brasil, 2017). Estudos futuros a serem realizados na Universidade do Planalto Catarinense poderão dar maior embasamento aos dados que ora mostram redução. Dessa forma, a queda do uso do tabaco observada nos dados de âmbito nacional enfatiza uma tendência esperada para o grupo analisado nesse estudo, uma vez que políticas voltadas a redução do tabagismo no público estudado sejam implantadas.

O estudo mostrou que 61,1% dos acadêmicos começaram a fumar por influência dos amigos, entretanto, os dados obtidos em Passo Fundo/RS mostraram que a vontade própria foi o fator mais relacionado ao início da prática tabágica. Independente disso, a presença de fumantes entre os quais os jovens se relacionam é fator determinante para o desenvolvimento da doença (Stramari, 2009).

A análise do motivo para a iniciação a prática tabagista mostra a influência do meio em que o estudante está inserido. Um dos dados encontrados foi que a maioria dos acadêmicos começaram a fumar por estímulo dos amigos (61,1%), assim como comprovado por outros estudos, os quais revelam a utilização do tabaco associar-se ao fato de o estudante ter amigos fumantes (Elicker, 2015), reforçando o peso da influência grupal sobre as escolhas individuais. Desse modo, a forma com que os indivíduos começam a fumar além de revelar uma das portas de entrada do acadêmico para o tabagismo, indica a dinâmica do uso do tabaco por grupos, importante aspecto a ser abordado pelas políticas públicas de prevenção contra o tabagismo (Moreno, 2010).

A relação entre a escolaridade e o percentual de usuários de tabaco observada vai de encontro ao padrão verificado através da Pesquisa Nacional de Saúde, em que se nota percentuais mais elevados de usuários atuais de tabaco em pessoas sem instrução ou com fundamental incompleto (20,2%) e não em pessoas em curso de ensino superior (Brasil, 2014). Um estudo realizado com universitários da área da saúde aponta que a totalidade dos estudantes de medicina sabem sobre a dependência, porém nem todos têm conhecimento sobre a nicotina ser a substância causadora do problema (72,2%). Além disso, apenas a porcentagem de estudantes 62,5% relata que recebeu treinamento específico sobre o tabagismo durante o curso de graduação (Botelho, 2011). Assim, percebe-se que os motivos que levam uma pessoa a fumar exercem maior influência sobre o início e seguimento da prática tabagista em relação ao grau de instrução apresentado, acesso a informação e treinamento específico.

Verificou-se que o período mais propenso à iniciação tabágica é a adolescência, sendo que 66,7% dos acadêmicos fumantes começaram a fumar até os 18 anos de idade. Os dados refletem a diferença na oferta de suporte educacional a respeito do tabagismo nessa população. Ratifica-se dessa maneira, a importância da reestruturação dos programas de prevenção, com enfoque à população jovem, frequentadores de escolas e universidades.

A idade média de iniciação ao tabagismo encontrada foi maior que a verificada em outras populações. Enquanto a idade de iniciação ao uso do tabaco de 17,88 anos, um estudo realizado com acadêmicos de medicina da Universidade Federal do Acre (UFAC) mostrou média da idade da primeira tentativa de fumar de 16,72 anos (Oliveira, 2015). Além disso, a Pesquisa Especial de Tabagismo (PETab) 2008 evidencia que cerca de 80% dos fumantes da população em geral começaram a fumar até os 19 anos de idade, e cerca de 20% começaram antes dos 15 anos (Brasil, 2012). Já outros estudos realizados com público adolescente revelam idade média entre 12 e 13 anos, sendo 12,6 anos entre os estudantes adolescentes de Embu-SP (Moreno, 2010) e 13,67 anos no distrito do Porto em Portugal (Ferreira; Torgal, 2010).

Pode-se considerar que o maior acesso a informação pela população de acadêmicos de medicina postergue o início a prática tabagista. Apesar disso, a idade média de início sugere relação com a entrada no meio universitário. Pesquisas tem demonstrado que os altos índices de consumo de drogas entre os acadêmicos de medicina estão associados à atribuição de responsabilidades sobre o processo saúde, doença e morte, problemas psicológicos, mudanças no estilo de vida, rotina estressante e carga horário de estudos elevada (Machado, 2015).

Dessa maneira, o início do uso de drogas como o tabaco surge como um meio de “fuga” da nova fase vivenciada pelo estudante.

Observa-se que grau de dependência à nicotina pelos acadêmicos varia de muito baixo a baixo. As questões que mais chamam a atenção são o número de cigarros fumados por dia, a dificuldade de não fumar em locais públicos, e o tempo decorrido para fumar o primeiro cigarro pela manhã. Além disso, o valor de 10 cigarros por dia predominar em 72,2% dos acadêmicos está em consonância com outros estudos com população universitária em que revelam média de 6,06 (Oliveira, 2015) e de 7,5 cigarros consumidos por dia (Andrade, 2006). A porcentagem de 27,8% dos fumantes os quais acham difícil não fumar em lugares públicos e, também, tempo depois de acordar para fumar o primeiro cigarro girar em torno de 31-60 minutos e após 1 hora para maioria dos estudantes são dados que revelam baixa dependência a nicotina. Entretanto, o grau de dependência à nicotina segue sendo um importante valor a ser considerando para avaliação do perfil tabágico da população estudada, uma vez que estudos indicam que grande parte dos fumantes só procura ajuda para cessação do uso do tabaco quando se encontram no estágio de dependência grave e que, também, baixos níveis provocam danos significativos a saúde (Luppi, 2008). Dessa forma, a abordagem realizada pelos programas de cessação do tabagismo direcionada ao grupo estudado deve levar em conta o grau de dependência à nicotina mesmo sendo baixo.

Profissionais médicos em formação e médicos devem servir de exemplos de conduta na sociedade quando se refere a prática tabágica. O amplo conhecimento e divulgação dos malefícios de seu uso, bem como entender a importância da cessação do tabagismo em todos os seus pacientes e o papel vital que eles, como provedores de saúde exercem na promoção de estilo de vida saudável, são essenciais para a efetivação campanhas antitabágicas. Desse modo, os médicos são disseminadores de confiança pelos pacientes tabagistas, devendo atuar de forma ativa em prol do sucesso das campanhas antitabágicas, amplamente realizadas pelas esferas governamentais. (World Health Organization, 1999).

Faz-se necessário o amplo conhecimento entre médicos em formação a respeito da prática tabágica para que estes possam melhor avaliar o tabagismo entre os próprios futuros profissionais, bem como para proverem informação para a população em geral.

## 5. Conclusão

A elevada prevalência de tabagistas entre os acadêmicos mostra a necessidade de um programa de educação em Saúde abordando as características da população em relação aos aspectos motivacionais, mantenedores e os cessadores para essa prática. Faz-se necessário tratar os fumantes ocasionais também como fumantes, face aos danos causados pela dependência, assim como investir em estratégias de prevenção nessa população, antes do início ao tabagismo e do grau de dependência nicotínica se elevar.

As escolas médicas precisam refletir sobre o conhecimento transmitido aos seus alunos. Visto a importância da educação e prevenção em uma população disseminadora de conhecimento e com papel fundamental no sucesso das campanhas antitabágicas-

Tendo em vista a alta prevalência de fumantes apresentada pelo estudo, torna-se necessário que, além das medidas preventivas e educativas aplicadas sobre os estudantes, também ocorra frequente monitoramento deste grupo. Nesse contexto, sugere-se que novos estudos sejam realizados para avaliar a efetividade das ações educativas e delinear o perfil dos estudantes.

## 6. Agradecimentos

À Dra. Everley Rosane Goetz pelo auxílio na compilação dos dados e na parte estatística deste trabalho.

## Referências

Andrade, A. P. A. et al. (2006). Prevalência e características do tabagismo em jovens da Universidade de Brasília. *Jornal Brasileiro de Pneumologia*, Brasília, v. 32 (1): 23-28, Feb.

Botelho, C.; Silva, A.M.P & Melo, C.D. (2011). Tabagismo em universitários de ciências da saúde: prevalência e conhecimento. *Jornal Brasileiro de Pneumologia*, Brasília, v. 37(3): 360-366, June.

Brasil. (2014). Ministério da Saúde. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz. *Pesquisa Nacional de Saúde: Percepção do estado de saúde, estilos de vida e doenças crônicas*. Rio de Janeiro, Ministério da Saúde, 180p.

Brasil. (2014). Ministério da Saúde. *Política Nacional de Controle do Tabaco Relatório de Gestão e Progresso 2011-2012*. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_nacional\\_controle\\_tabaco\\_relatorio\\_gestao.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_controle_tabaco_relatorio_gestao.pdf). Acesso em 31 março 2020.

Brasil. (2016). Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos não Transmissíveis e Promoção da Saúde. *Vigitel Brasil 2016: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico: estimativas sobre frequência e distribuição sociodemográfica de fatores de risco e proteção para doenças crônicas nas capitais dos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal em 2016* / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos não Transmissíveis e Promoção da Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2017. 160p.: il.

Brasil. (2007). Ministério da Saúde. Tabagismo: Dados e números. Disponível em: [http://www.inca.gov.br/releases/press\\_release\\_view\\_arq.asp?ID=1493](http://www.inca.gov.br/releases/press_release_view_arq.asp?ID=1493). Acesso em 31 março 2020.

Costa, A.D. (2006). Tabagismo em médicos e enfermeiros da cidade do Porto: Motivação para deixar de fumar e grau de dependência tabágica. *Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar*, Lisboa, 22(1): 27-38, Jan. ISSN 2182-5173.

Elicker, E. et al. (2015). Uso de álcool, tabaco e outras drogas por adolescentes escolares de Porto Velho-RO, Brasil. *Epidemiologia e Serviços de Saúde [online]*, Brasília. 2015, 24(3): 399-410. Disponível em: <<https://doi.org/10.5123/S1679-49742015000300006>>. Acesso em 31 março 2020.

Ferreira, M.M.S.R.S.; Torgal, M.C.L.F.P.R. (2010). Consumo de tabaco e de álcool na adolescência. *Revista Latino-americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, 18(2): 122-129, Mar. Junior, C.T.S et al. (2006). Prevalência de tabagismo entre estudantes de graduação em medicina da Universidade Federal Fluminense. *Revista Pulmão RJ*, Rio de Janeiro, 15(1): 11-15, Mar.

Luppi, C.H.B. et al. (2008). Perfil tabágico segundo teste de dependência em nicotina. *Revista Ciência em Extensão*, [S.l.], 4(1): 94, Dez. 2008. ISSN 16794605. Disponível em: <[http://ojs.unesp.br/index.php/revista\\_proex/article/view/18](http://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/18)>. Acesso em: 31 março 2020.

Machado, C.S.; Moura, T.M.; Almeida, R.J. (2015). Estudantes de Medicina e as Drogas: Evidências de um Grave Problema. *Rev. bras. educ. med.*, Rio de Janeiro, 39(1): 159-167, Mar.

Menezes, A.M.B. et al. (2004). Tabagismo em estudantes de Medicina: tendências temporais e fatores associados. *J. bras. pneumol.*, São Paulo, 30(3):223-228, June.

Moreno, R.S.; Ventura, R.N.; Brêtas, J.R.S. (2010). O uso de álcool e tabaco por adolescentes do município de Embu, São Paulo, Brasil. *Rev. esc. enferm. USP* [online], 44(4): 969-977. ISSN 0080-6234. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342010000400016>. Acesso em: 31 março 2020.

Oliveira, S.M.C.; Leite, W.S. (2015). Tabagismo e sua relação com a educação médica. *Revista Debates em Psiquiatria*, Rio de Janeiro, p.6-15, Set/Out.

Pereira, A.S. et al. (2018). Metodologia da pesquisa científica. [e-book]. Santa Maria. Ed. UAB/NTE/UFSM. Disponível em: [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic\\_Computacao\\_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1). Acesso em: 30 março 2020.

Pereira, D.K.V. et al. (2012). Prevalência de tabagismo e grau de dependência de nicotina entre estudantes do curso de biologia da UEPG, 2012. *Publicações Biológicas*. Disponível em: <http://www.uepg.br/proex/anais/trabalhos/292.pdf>. Acesso em 31 março 2020.

Pereira, D.L.; Moraes, M.; Laat, E.F.; Pilatti, L.A. (2011). Qualidade de vida, consumo de álcool e tabaco: um comparativo entre os acadêmicos do curso de educação física e engenharias, da UNICENTRO, campus de Irati – PR. *Revista Científica JOPEF*, Paraná, 12(1): 27-40.

Pinto, M.; Bardach, A.; Palacios, A.; Biz, N.A.; Alcaraz, A.; Rodríguez, B.; Augustovski, F.; Pichon-Riviere, A. (2017). Carga de doença atribuível ao uso do tabaco no Brasil e potencial impacto do aumento de preços por meio de impostos. Documento técnico IECS N° 21. *Instituto de Efectividad Clínica y Sanitaria, Buenos Aires, Argentina*. Maio. Disponível em: <<http://www.iecs.org.ar/tabaco>>. Acesso em 31 março 2020.

Riquinho, D.L.; Hennington, É.A. (2016). Sistema integrado de produção do tabaco: saúde, trabalho e condições de vida de trabalhadores rurais no Sul do Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, [s.l.], 32(12):1-10, Mar.

Silva, S.T. et al. (2014). Combate ao Tabagismo no Brasil: a importância estratégica das ações governamentais. *Ciência & Saúde Coletiva [online]*. 2014, 19(2): 539-552. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232014192.19802012>>. Acesso em: 31 março 2020.

Stramari, L.M.; Kurtz, M.; Silva, L.C.C. (2009). Prevalência e fatores associados ao tabagismo em estudantes de medicina de uma universidade em Passo Fundo (RS). *Jornal Brasileiro de Pneumologia*, 35(5): 442-448.

Torres, B. (2005). *Pneumologia*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan.

Viegas, C.A.A. (2007). *Tabagismo: do diagnóstico à saúde pública*. São Paulo: Editora Atheneu.

WHO. *Leave the pack behind*. (1999). Geneva: WHO. p. 33-9. Disponível em: <http://www.forces-nl.org/WHO/ADVISORY98.PDF>. Acesso em: 31 março 2020.

Zettler, E. W. et al. (2005). Prevalência do tabagismo entre estudantes de Medicina e fatores de risco associados. *Revista AMRIGS*, Porto Alegre, 49(1): 16-19, jan.- mar.

#### **Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito**

Guilherme Felipe Staudt – 30,0%

Louísse Tainá Tormem – 20,0%

Patrícia Alves de Souza – 20,0%

Marli Adelina de Souza – 30,0%